
Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi

Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial

Ítalo Henrique Tavares Yamamoto – RA. 0040641612041

Vitor Barbosa Guarnieri - RA.0040641612024

MERCADO DE TRABALHO PARA O JOVEM NO BRASIL

AMERICANA – SP

2019

Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi

Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial

Ítalo Henrique Tavares Yamamoto – RA. 0040641612041

Vitor Barbosa Guarnieri- RA.0040641612024

MERCADO DE TRABALHO PARA O JOVEM NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso, em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial da Fatec Americana, sob orientação do Prof. Dr. Marcos de Carvalho Dias

Área temática: Gestão de Pessoas

AMERICANA – SP

2019

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana - CEETEPS
Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte

Y23m YAMAMOTO, Italo Henrique Tavares

Mercado de trabalho para o jovem no Brasil. / Italo Henrique Tavares Yamamoto, Vitor Barbosa Guarnieri. – Americana, 2019.

37f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial) - - Faculdade de Tecnologia de Americana – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Dr. Marcos de Carvalho Dias

1 Sociologia organizacional. I. GUARNIERI, Vitor Barbosa II. DIAS, Marcos de Carvalho III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana

CDU: 658.03

Italo Henrique Tavares Yamamoto

Vitor Barbosa Guarnieri

MERCADO DE TRABALHO PARA O JOVEM NO BRASIL.

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Empresarial pelo CEETEPS/Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana.

Área de concentração: Gestão de pessoas

Americana, 06 de dezembro de 2019.

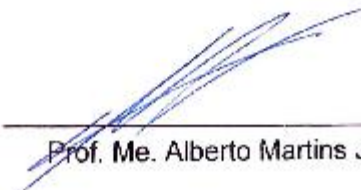
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcos de Carvalho Dias (Presidente)



Prof. Ma. Daniela Dal Fabbro Amorim (Membro)



Prof. Me. Alberto Martins Junior (Membro)

DEDICATÓRIA

Às nossas famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Marcos de Carvalho Dias pela orientação, compreensão e incentivo no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

O termo mercado de trabalho permeia grande parte das discussões da economia da atualidade. Porém, mesmo sendo comum encontrar textos que utilizem o termo buscando dimensioná-lo, compreendê-lo, bem como explicar as mudanças que tem sofrido nas últimas décadas. No presente trabalho busca-se analisar o conceito mercado de trabalho para o jovem no Brasil. Apresentar a partir de dados atuais como o IBG, como o jovem pode-se se recolocar no mercado.

Palavras chave: Jovem, Mercado de trabalho, Oportunidade.

ABSTRACT

The term labor market permeates much of today's economic discussions. However, even though it is common to find texts that use the term seeking to scale it, understand it, as well as explain the changes it has undergone in recent decades. This paper seeks to analyze the labor market concept for young people in Brazil. Present from current data such as IBG, how young can be replaced in the market.

Keywords: Young, Labor market, Opportunity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grau de escolaridade.....	25
--------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das pessoas de 14 anos de idade, por sexo, segundo as Grandes Regiões (2º trimestre 2013).....	17
Gráfico 2 – Distribuição das pessoas de 14 anos de idade, por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões (2º trimestre 2013).	18
Gráfico 3 – Distribuição das pessoas de 14 de idade anos, por nível de instrução	19
Gráfico 4 – Distribuição das pessoas de 14 anos de idade, segundo a condição de atividade na semana de referência Brasil (2012-2013).....	19
Gráfico 5 – Idade da população pesquisada	29
Gráfico 6 – Gênero dos participantes da pesquisa	30
Gráfico 7 – Quais as dificuldades que você encontra em se colocar no mercado de trabalho?	31
Gráfico 8 – Está desempregado (a) há quanto tempo?	32
Gráfico 9 – Está procurando emprego na sua área?	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa de participação na população total, das pessoas de 14 anos idades, segundo as Grandes Regiões (2012-2013).....	16
Tabela 2 – Taxa de participação na força de trabalho, na semana de referência, das pessoas de 14 anos de idade, segundo as Grandes Regiões (2012-2013).....	20

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAGED	– Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CAMP	– Centro de Assistência e Motivação de Pessoas
CSJs	– Consórcios Sociais da Juventude
DF	– Distrito Federal
DIEESE	– Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FATEC	– Faculdade de Tecnologia de Americana
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	– Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MTE	– Ministério do Trabalho e Emprego
OCDE	– Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	– Organização Mundial da Saúde
ONU	– Organização das Nações Unidas
PEA	– População Economicamente Ativa
PLANFOR	– Plano Nacional de Formação Profissional
PNAD	– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNPE	– Programa Nacional de Primeiro Emprego
SJ	– Secretaria da Juventude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O JOVEM E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO.....	13
1.1 Mercado de Trabalho	13
1.2 Qualificação	14
1.3 Jovens x mercado de trabalho no Brasil	14
1.3.1 Gênero	16
1.3.2 Idade	17
1.3.3 Nível de instrução.....	18
1.3.4 Condição de atividade.....	19
2 POLÍTICAS DE EMPREGO PARA OS JOVENS.....	21
2.1 Contexto social da educação e do trabalho	24
2.2 Trabalho e escolaridade.....	26
3 DISCUSSÃO E RESULTADOS	28
3.1 Análise dos resultados	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho no Brasil passou por muitos avanços que iniciaram no século XX, seguidos de uma a conversão importante nas últimas duas décadas como a formalização ocupacional. Sendo assim, a formalização do mercado de trabalho dá condições aos trabalhadores garantindo o acesso aos Direitos Trabalhistas, Direitos Sociais e Previdenciários.

Em meados do segundo semestre de 2017, foram construídas novas regras trabalhistas através da Lei nº 13.467/2017, o que tem possibilitado o aumento e a estimulação do mercado de trabalho formal. Atualmente, através dessa norma, os trabalhadores sem carteira podem ofertar, de maneira legal, trabalhos intermitentes e com jornadas de trabalho flexíveis (IPEA, 2018, p.12).

Este trabalho pretende discutir as condições atuais do mercado de trabalho e suas exigências, visto que a falta de capacitação dos jovens os impede de ser inseridos nesse mercado. No entanto, sabe-se que, mesmo a capacitação não garante uma vaga, pois as dificuldades econômicas vivenciadas atualmente no país desfavorecem o trabalhador capacitado, imagine-se ainda, a questão do trabalhador sem capacitação.

O desafio de enfrentar os sintomas do processo de desaceleração da economia recai sobre o assalariado sendo ele capacitado ou não. Os impactos acompanham as dificuldades da qualidade dos postos de trabalho a serem gerados no futuro e as perspectivas desejadas para o mercado de trabalho brasileiro. Ainda, uma economia não estruturada cria um cenário caótico e problemático não só nas bases da política econômica mas na nação em geral, enredando a todos.

Segundo uma publicação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2016, p.1), os jovens formam um panorama desafiador para o mercado de trabalho, visto que a informalidade, o desemprego e falta de formação profissional aumentam os obstáculos para que esses jovens desenvolvam uma carreira profissional sólida.

De acordo com IPEA (2016, p.1), “sessenta por cento dos jovens brasileiros incluem parte da população economicamente ativa (PEA), seja procurando

emprego, desempregado ou trabalhando e estudando”. Mas, a inserção desses jovens no mercado de trabalho sofre com os desafios de alta rotatividade, com a informalidade, as vezes uma remuneração muito inferior, além da condição de o jovem ter de conciliar estudo e vida familiar entre outras condições (IPEA, 2016, p.1).

A justificativa pessoal para a escrita deste trabalho está em pesquisar os desafios reais enfrentados pelos trabalhadores jovens na sua inserção no mercado de trabalho.

A contribuição acadêmica deste estudo está em trazer dados atuais sobre o mercado de trabalho para os jovens que estão se graduando, mostrando quais as perspectivas e quais desafios eles irão encontrar no início da sua vida profissional.

A importância deste trabalho para a sociedade, está em buscar esclarecimentos sobre situações de desemprego e formação técnica para o jovem no mercado de trabalho. Sabe-se que, o estudo e a preparação profissional estimulam o desenvolvimento pessoal, o qual tem forte relação com melhores condições dentro da esfera laboral.

Outro ponto que se pretende esclarecer é como o mercado de trabalho atual está desacelerado devido às várias crises vividas (econômica, política e moral) o que prejudica de modo direto o cenário econômico das empresas e o trabalhador assalariado, tendo ele qualificação ou não.

A insegurança política e econômica gera complicações que costumam desestimular os investidores, os quais deixam de investir no país de modo que todos os seguimentos do mercado de trabalho ficam estacionados pela falta de recursos financeiros que provocam e fortalecem o crescimento.

Para Nogales (2016, p.1) “os jovens têm maior dificuldade em colocar-se no mercado de trabalho por não terem experiência”. Portanto, sabe-se que a recuperação da economia e a melhoria do mercado de trabalho dependem exclusivamente de políticas econômicas que visem o progresso de um país e de seu povo.

O desemprego tem afetado muitos jovens juntamente com a falta de oportunidade e os planos de carreira não definidos das organizações. Porém, há um grande percentual de jovens no Brasil que buscam capacitação profissional, almejando solidificarem suas carreiras nesse mercado de trabalho tão concorrido dos dias de hoje, em que há grande procura e pouca oferta.

Segundo o Centro de Assistência e Motivação de Pessoas - CAMP, uma pesquisa realizada em 2016 pela empresa Nextview People e Cia. De Talentos, com dados divulgados pela Revista Época Negócios, abordando o tema 'empresa dos sonhos 67% dos jovens que participaram da pesquisa buscam desenvolvimento profissional 54% desejam ter uma carreira internacional.

Para essa pesquisa apresentada pelo CAMP foram entrevistados sessenta e quatro mil jovens, dos quais 81% estão estudando e, 56% são mulheres. A pesquisa mostrou que há grande procura por formação profissional por parte dos jovens, dessa forma há indícios de que tem havido uma melhora significativa na percepção de vida desses jovens. Outro dado apontado pela pesquisa foi as empresas em que os jovens gostariam de trabalhar no futuro como: Google, Petrobrás e ONU – Organizações Unidas (OLIVEIRA, 2017, p.1).

De acordo com Novaes (1970, p.25), “a quantidade e qualidade dos empregos fornecidos pelo mercado de trabalho dependem da intensidade da atividade econômica e das tecnologias em uso”.

A qualificação faz parte do processo de evolução do profissional, quanto maior sua qualificação, maiores as chances no mercado de trabalho, sendo assim, há grande necessidade de que o mercado de trabalho volte a aquecer e provoque o surgimento de novos postos de trabalho. Tais postos de trabalho poderão fazer com que o país prospere, de modo que crie o desejo naqueles trabalhadores que ainda não se qualificaram a fim de buscar mais informação visando a um universo profissional.

Sendo assim, pretende-se realizar um estudo sobre o mercado de trabalho para os jovens e mostrar a sua atuação referente ao setor socioeconômico do país.

Para atingir o objetivo geral proposto pelo estudo, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Realizar pesquisas bibliográficas para embasamento teórico sobre o tema e o conceito de mercado de trabalho e capacitação;
- b) Identificar quais as prerrogativas atuais do mercado de trabalho a falta de emprego ou falta de qualificação frente ao cenário econômico atual;
- c) Apresentar uma análise embasada nas pesquisas bibliográficas realizadas em observância ao contexto social e econômico do país atualmente.

Serão abordados os procedimentos técnicos para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica de fontes secundárias nos bancos de dados conceituados como Scielo, Pepsic, Capes e o acervo da biblioteca da Faculdade de Tecnologia de Americana (FATEC).

Para a coleta dos dados secundários será utilizado uma metodologia de coleta: método “survey”. Para a utilização do método survey será desenvolvido um questionário com perguntas específicas e aplicadas a uma amostra de 24 pessoas, com o intuito de mostrar suas opiniões quanto ao assunto abordado.

O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido em quatro capítulos. O capítulo um inicia-se com o jovem e o mercado de trabalho brasileiro. O segundo capítulo abordaremos as políticas de emprego para os jovens, o terceiro capítulo discussão e resultados, o quarto capítulo traz as considerações gerais e finalizando no quinto capítulo encontram-se as referências cujas fonte darão suporte a toda a pesquisa.

1 O JOVEM E O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

1.1 Mercado de Trabalho

“O trabalho desempenha um papel fundamental na vida das pessoas, uma vez que concede identidade, é um elemento de dignidade para a sociedade, mas muito mais, para quem está no exercício de sua função” (SANTOS, 2018, p.96).

1.2 Qualificação

Chiavenato (2002), diz que

“a qualificação profissional ou aperfeiçoamento profissional é a educação que visa ampliar, desenvolver e aperfeiçoar o homem para seu crescimento profissional em determinada carreira na empresa ou para que se torne mais eficiente e produtivo no seu cargo.

De acordo com o termo qualificação voltada para o mercado de trabalho está em buscar formação profissional, tornando-se apto para desenvolver atividades previamente aprendidas, tornando o trabalhador mais bem preparado para o desenvolvimento da função, ou seja, qualificado.

1.3 Jovens x mercado de trabalho no Brasil

Segundo Guimarães e Almeida (2018, p.1), “a inclusão dos jovens no mercado de trabalho consolida-se um grande desafio”. Por se tratar de um segmento mais vulnerável, o qual enfrenta maiores obstáculos na inserção ao mercado, tendendo a encontrar ocupações mais difíceis, com agravantes por causa da taxa de escolaridade, o que corrobora com a falta de formação profissional.

As transformações do trabalho têm afetado diretamente o trabalhador jovem. O aumento do desemprego no país tem sido um fator gerador de insegurança e medo não só para o trabalhador sendo ele jovem ou não, como também para os empresários. A retomada do mercado de trabalho nos últimos meses, tem sido muito esperada pela economia e tem surpreendido de forma positiva, flexionando a melhora significativa dos trabalhadores ativos com a revisão dos rendimentos reais (LAMEIRAS, et al, 2018, p.13).

Há indícios de que o país inicia um processo de melhora, seguido da indicação que levará muito mais tempo para se aquecer e criar novos postos de trabalho, pois o cenário econômico precisa ser melhorado, as políticas públicas devem ser implantadas de modo que os níveis econômicos do país evoluam e fortifiquem o mercado de trabalho interno (IPEA, 2018, p.13).

A taxa de desemprego elevada no Brasil faz com que haja pouca oferta e muita procura. O jovem profissional capacitado tem maiores chances de uma

colocação no mercado de trabalho mais do que um trabalhador sem qualificação, mas evidenciando que qualificação profissional não garante uma vaga de trabalho em um mercado de extrema concorrência e pouca oferta.

Segundo o IPEA (2018, p.3) “os resultados da expansão da ocupação sobre a redução do índice de desemprego, vêm sendo atenuados pela expansão da força de trabalho”. Ainda, as informações por indivíduo apurados na Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) mostram que há um crescimento no número de trabalhadores informais ligados ao IPEA.

Sendo assim, o IPEA (2018, p.3) aponta que esses que constituem uma grande parcela da população que está desempregada, mas com desejo de voltar ao mercado.

Desta forma, o mercado de trabalho vai se adaptando na inserção desses jovens. Entende-se que, o jovem que estiver mais bem preparado terá melhores oportunidades.

A diminuição do índice de inatividade vem acontecendo de maneira consistente, atingindo de forma significativa de todos os segmentos da população e com mais intensidade nos grupos de trabalhadores com ensino fundamental (IPEA, 2018, p.14).

Sendo assim, fica evidente destacar que o desemprego permanece como um problema para o país e seus dirigentes e, necessário criar condições dignas de emprego em uma nação que precisa ter uma educação consistente e evolutiva.

De acordo com Bastos (1990, p,1) “embora seja comum pensar-se que o mercado, automaticamente, regula o volume de emprego e distribui os indivíduos de forma mais adequada, na realidade sua ação traduz decisões políticas”.

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (2011, p.23), um dos maiores fenômenos ocorridos no “mercado de trabalho refere-se à profunda mudança de perfil da população em idade ativa (PIA), que nos últimos dez anos, pelo rápido movimento de escolarização ainda em curso”.

[...] a PIA é um indicador importante de oferta potencial de trabalho. Pelo segmento de inativos e da oferta efetivamente existente, pelo segmento

da PEA e que por sua vez, é composta por ocupados e desempregados (DIEESE, 2011, p.23).

De acordo com o DIEESE (2011, p.23) em meados de 1998 mais da metade da PIA, por volta de cinquenta e um por cento (51%) estava formada por pessoas com ensino fundamental incompleto. Nos anos seguintes, houve gradual desenvolvimento, o que passou a apresentar índices de escolaridade igual ou superior ao ensino médio completo, respondendo por cerca de quarenta e cinco por cento (45%) da PIA no ano de 2008.

1.3.1 Gênero

Em pesquisas realizadas entre os anos de 2012 – 2013 (as mais recentes) apresenta um enunciado de que a população em idade de trabalhar no segundo trimestre de 2013, atingiu uma representatividade de setenta e nove por cento (79%) da população (IBGE, 2019, p.1).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) essas pesquisas dos anos 2012–2013, mostram que nas regiões Sudeste e Sul esse percentual foi maior que o verificado nas demais regiões com oitenta e um por cento (81%) para as duas regiões. A Tabela 1 mostra que a região Norte aparece com menor percentual em relação a idade da população de trabalhar.

Tabela 1 – Taxa de participação na população total, das pessoas de 14 anos ou mais de idades, segundo as Grandes Regiões (2012-2013).

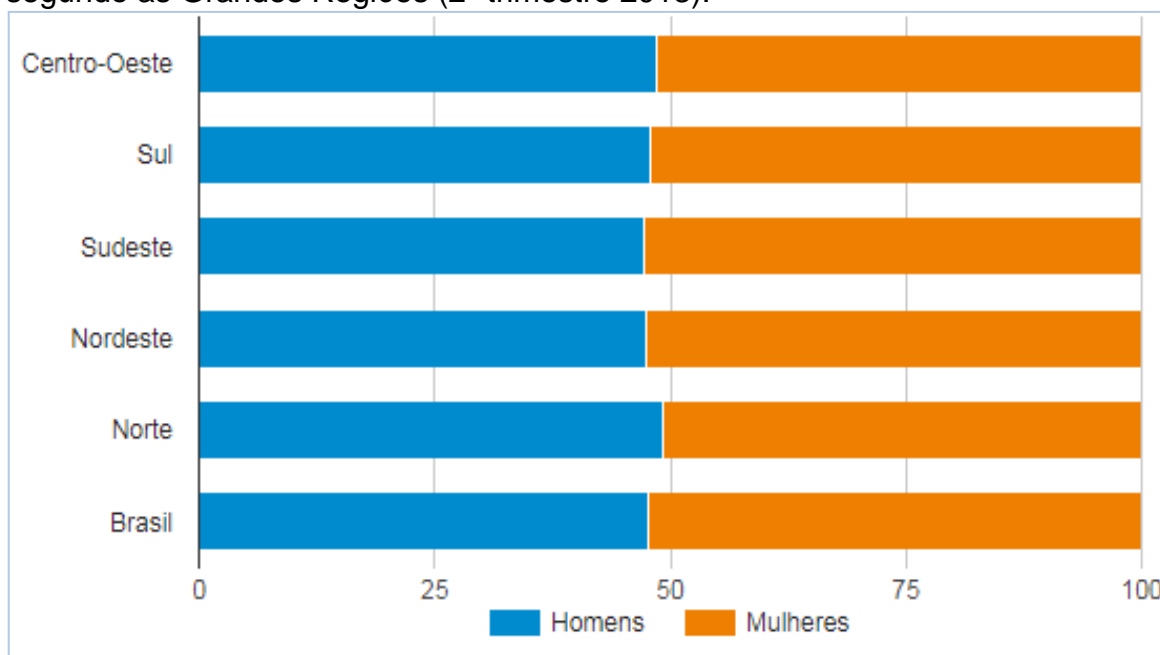
Grandes Regiões	Taxa de participação na população total, na semana de referência, das pessoas de 14 anos ou mais de idade (%)					
	2012				2013	
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	1º Trimestre	2º Trimestre
Brasil	79.0	79.1	79.2	79.4	79.5	79.5
Norte	71.9	72.2	72.2	72.5	72.9	72.9
Nordeste	76.7	76.7	76.9	77.1	77.1	77.1
Sudeste	81.4	81.5	81.6	81.6	81.8	81.7
Sul	81.0	81.1	81.3	81.5	81.7	81.7
Centro-Oeste	78.2	78.6	78.4	78.7	78.9	78.8

Fonte: IBGE, 2019, p.1.

Em relação ao gênero os resultados apontaram no segundo trimestre de 2013, um aumento no percentual do gênero feminino em idade de trabalhar. Esse gênero representava cerca de 52% desta PEA. Através da análise dos dados foi confirmado tal expectativa. O gênero feminino em idade de trabalhar em todas as

grandes regiões teve maior crescimento que o gênero masculino conforme Gráfico 1 a seguir: (IBGE, 2019, p.1).

Gráfico 1 – Distribuição das pessoas de 14 anos ou mais de idade, por sexo, segundo as Grandes Regiões (2º trimestre 2013).



Fonte: IBGE, 2019, p.1.

1.3.2 Idade

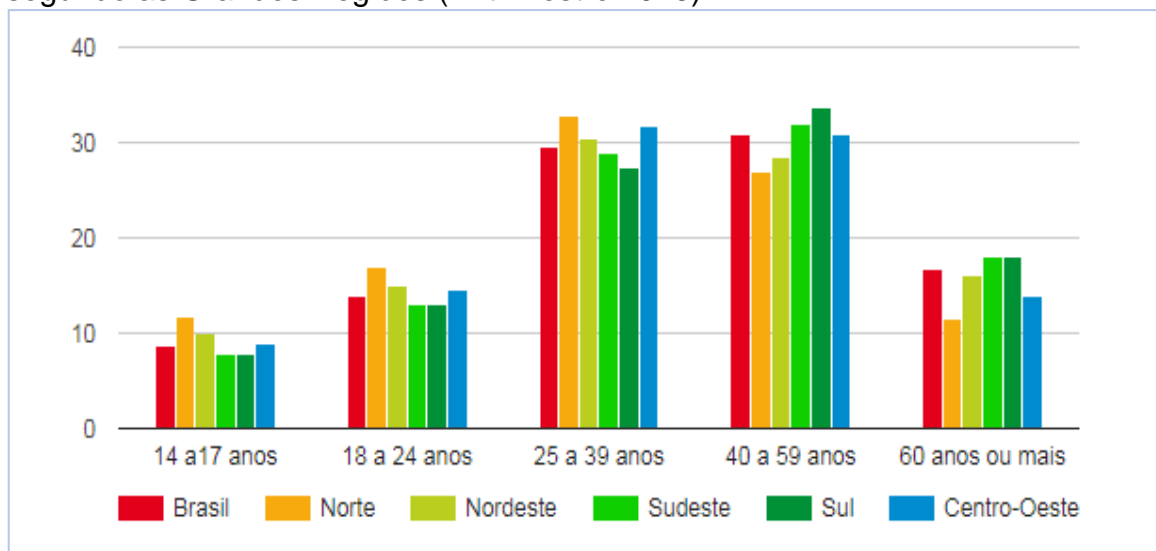
A idade no Brasil da PEA no segundo trimestre de 2013, foram levantadas na pesquisa do IBGE (2012-2013) através de grupos de pessoas de quatorze a dezessete anos de idade, representando 8,8% das pessoas em idade de trabalhar. Entretanto, os jovens de dezoito a vinte e quatro anos representavam 14% e, o grupo etário de vinte e cinco a trinta e nove anos de idade eram 29,6% (IBGE, 2019, p.2).

Assim, segue com a maior parcela da PEA aquela população do grupo de quarenta a cinquenta e nove anos de idade com 30,8%. Ainda, os considerados idosos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com sessenta anos ou mais de idade, somaram 16,7% (IBGE, 2019, p.2).

Ao observar a composição etária das cinco Grandes Regiões do Brasil, ressalta-se entre elas uma característica muito importante para o entendimento do mercado de trabalho. As regiões Sudeste com 18,1% e Sul com 18% apareceram

como as maiores em concentração de idosos, enquanto que a região Norte possui a maior parcela de pessoas de quatorze a dezessete anos de idade, apresentado no Gráfico 2 (IBGE, 2019, p.2).

Gráfico 2 – Distribuição das pessoas de 14 anos de idade, por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões (2º trimestre 2013).



Fonte: IBGE, 2019, p.2.

1.3.3 Nível de instrução

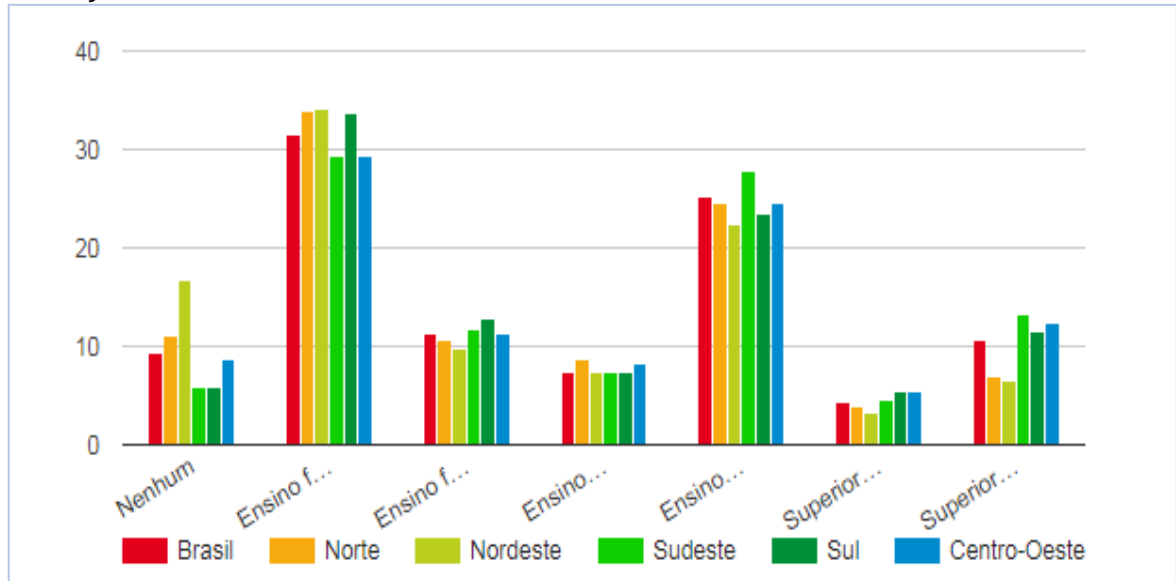
IBGE (2019, p.2) mostra que no segundo trimestre de 2013, a pesquisa apresentou que no Brasil, entre as pessoas em idade de trabalhar, quarenta e um por cento (41%) não haviam completado o ensino fundamental e, quarenta por cento haviam concluído o ensino médio.

A partir desse levantamento houve a caracterização de um quadro diferenciado. As regiões Norte e Nordeste apresentaram um nível de escolaridade mais baixos entre 45% a 50% não tinham concluído o fundamental, sendo estes superiores as demais regiões.

A região Sudeste aparece na pesquisa com quarenta e seis por cento e a região Centro-Oeste com quarenta e dois por cento (42%), concluíram pelo menos o ensino médio. Tal análise permitiu apresentar que dez por cento (10%) da população em idade de trabalhar haviam concluído o nível superior e ainda, na região Sudeste esse percentual foi de treze por cento (13%), o dobro verificado na região Nordeste (6,5%) (IBGE, 2019, p.2).

O Gráfico 3 mostra a distribuição das pessoas de quatorze anos ou mais de idade, por nível de instrução.

Gráfico 3 – Distribuição das pessoas de quatorze anos ou mais, por nível de instrução

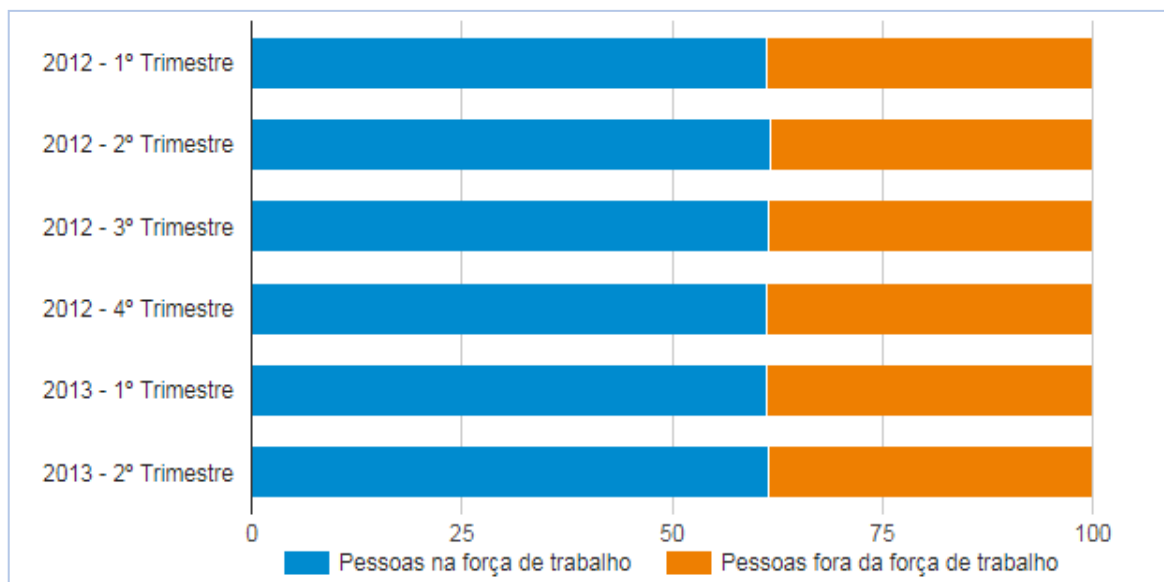


Fonte: IBGE, 2019, p.2.

1.3.4 Condição de atividade

A composição das pessoas em idade de trabalhar (força de trabalho) somam cerca de sessenta por cento (60%) e as pessoas fora da força de trabalho apresentadas na pesquisa do IBGE (2012-2013) aparecem com cerca de trinta e oito por cento (38%), não apresentando uma variação importante nos estratos (seis trimestres) observados, como mostra o Gráfico 4:

Gráfico 4 – Distribuição das pessoas de 14 anos de idade, segundo a condição de atividade na semana de referência Brasil (2012-2013).



Fonte: IBGE, 2019, p.2.

Na forma regional, a pesquisa do IBGE (2012-2013) traz um contexto histórico em sua pesquisa, onde a região Nordeste tem participação na força de trabalho com uma variação de 56% a 57%, sendo inferior à observada nas demais Grandes Regiões brasileiras, por outro lado, a região Centro-Oeste apresentou o maior índice de participação na força de trabalho que as demais regiões, conforme mostra a Tabela 2).

Tabela 2 – Taxa de participação na força de trabalho, na semana de referência, das pessoas de 14 anos idade, segundo as Grandes Regiões (2012-2013)

Grandes Regiões	Taxa de participação na força de trabalho, na semana de referência, das pessoas de 14 anos ou mais de idade (%)					
	2012				2013	
	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	4º Trimestre	1º Trimestre	2º Trimestre
Brasil	61.2	61.7	61.5	61.3	61.2	61.5
Norte	61.1	62.4	61.8	62.6	62.3	62.0
Nordeste	56.8	56.9	57.0	56.3	56.0	56.1
Sudeste	62.3	63.1	62.9	62.6	62.5	63.2
Sul	63.8	64.5	64.1	64.0	64.2	64.3
Centro-Oeste	64.9	65.1	64.8	64.8	65.1	65.2

Fonte: IBGE, 2019, p.2.

2 POLÍTICAS DE EMPREGO PARA OS JOVENS

Segundo Guimarães e Almeida (2018, p.1) “no Brasil, os jovens sofreram amplamente os impactos da reestruturação nos noventa, que teve uma representação muito elevada na restrição de vagas para trabalhadores com menor escolaridade”. Mas, o autor comenta que na década seguinte houve a criação da Secretaria da Juventude (SJ) passando a serem vistos como uma das prioridades nas políticas públicas.

Assim, nas políticas públicas priorizadas, áreas ligadas ao trabalho e emprego passaram a ter maior atenção com ações reunidas e voltada a fortalecer

e aumentar as chances de inserção do trabalhador jovem no mercado de trabalho e na ascensão social (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2018, p.1-2).

A partir de meados de 2013 uma das direções tomadas pelo governo nacional foi a criação do Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR) o qual representou um aumento intenso nos gastos com a capacitação, tornando-a parte significativa do PEA. Nessa época um dos grupos considerados mais vulneráveis foi dos jovens, tendo sido mantidos entre as prioridades do PLANFOR.

Após o PLANFOR, houve a criação do Programa Nacional de Primeiro Emprego (PNPE), esse programa teve como público alvo os jovens.

Tendo como público alvo jovens em idade de dezesseis a vinte e quatro anos, que se encontravam em situação de desemprego involuntário, membros de famílias de baixa renda (pobres), que não possuíam vínculos de emprego anterior e que estivessem cursando estabelecimentos de ensino fundamental e médio (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2018, p.1-2).

O PNPE incluía ações ligadas à qualificação e à escolaridade, possibilitando experiências e treinamentos em empresas e conseqüentemente uma futura contratação. “Inicialmente o programa teve forte ênfase na concessão de subsídios estimulando as empresas a contratar jovens trabalhadores, com medidas ligadas ao diagnóstico de que um dos problemas centrais era a falta de experiência profissional” (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2018, p.1-2).

Os programas desenvolvidos para criar meios de inserção do jovem ao mercado de trabalho, iniciaram com perspectivas brilhantes, mas com o passar do tempo essas perspectivas não foram se concretizando. Segundo Guimarães e Almeida (2018, p.1) “as exigências rígidas em termos de requisitos legais, como a exigência de certidões negativas de débito à União, dificultaram principalmente a participação de pequenas e médias empresas, as quais interessadas na subvenção”.

Para Bastos (2009, p.20) “o público elegível respondia por apenas aproximadamente cinco por cento (5%) dos jovens desempregados em 2003 e por quatro por cento (4%) em 2007”. Portanto, o PNPE passou a ser comparado como

um programa estatal. A partir de 2005 houve mudanças de foco, onde a ênfase em estimular a demanda por profissionais jovens foi alterada com as nomenclaturas de capacitação e empregabilidade, passando a ter maior importância nos programas como os Consórcios Sociais da Juventude (CSJs), reunindo ações e fortalecendo a qualificação, a autoestima e a sociabilidade.

Ações de qualificação profissional e social tornaram o PNPE importante e sua contribuição social e econômica possibilitou incluir na agenda a necessidade de ações específicas aos jovens e sua inserção no mercado de trabalho.

Os CSJs tiveram como eixo principal priorizar o público mais vulnerável (família de baixa renda, desempregados, deficientes, egressos do sistema prisional e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas). No final de 2005, o IPEA fez um aprofundamento nas ações de implantação dos CSJs em seis capitais metropolitanas, das quais resultaram positivamente na evolução dos consórcios, pois abordou questões de orientação política de emprego para a juventude (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2018, p.1-2).

Guimarães e Almeida (2018, p.17) comentam que o aspecto essencial das ações dos Consórcios foram o cadastramento e a seleção do público alvo e, assim, quando havia participação das entidades envolvidas, tornava-se mais célere a seleção.

Os CSJs ofereciam três tipos de ações voltadas à capacitação/escolaridade, devendo somar 400 horas. Inicialmente, havia qualificação básica em áreas como ética, cidadania, informática e meio ambiente. O segundo conjunto de ações implicava estímulo à escolaridade, enquanto o terceiro eixo voltava-se à qualificação para um ofício, ofertando cursos diversos. A escolha dos mesmos era particularmente importante, dada a necessidade de incorporar cursos que contemplassem ao mesmo tempo o interesse dos jovens e as necessidades do mercado de trabalho. A presença de entidades com histórico na área, de conselhos engajados na discussão de temas locais e de mecanismos de participação da sociedade contribuía para a identificação dos ofícios necessários, enquanto a formação de parcerias com ONGs especializadas, entidades do Sistema S e outras instituições de ensino favorecia o desenho e a oferta dos cursos (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2018, p.18).

Enfim, uma das consequências consideradas positiva foi o aprendizado institucional do trabalho em equipe. Através do relato de vários consórcios os

efeitos positivos em termos da interação dos jovens com outros em situação similar como afirma Guimarães e Almeida (2018, p.18),

[...] para muitos, significou a primeira interação em grupo e importante forma de socialização. Assim, as oficinas contribuem para o fortalecimento da autoestima, produzindo uma postura mais positiva para encarar a entrada no mercado de trabalho e outros desafios.

As políticas de emprego facilitadas com os programas tinham seu foco voltado para o fator central, a capacidade de construir laços com os empreendedores e empresários, facilitando a proximidade e inserção dos jovens ao mercado de trabalho.

Diante do exposto, os CSJs apresentaram grandes ganhos ao serem comparados com as iniciativas anteriores. Houve ganhos e avanços extraídos das várias entidades e especialidades envolvidas nos Consórcios. Dentro desta perspectiva, o principal desafio à magnitude da tarefa, volta-se em reproduzir resultados favoráveis há um público considerado tão vulnerável (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2018, p.21).

2.1 Contexto social da educação e do trabalho

Segundo o DIEESE (2011, p.10) as relações entre o mercado de trabalho e qualificação “são centralizadas na definição das diretrizes de um modelo de desenvolvimento que implica em conflito na visão e nos interesses, nas especialidade e nos grupos sociais organizados”.

De modo que, o dinamismo econômico tem seu reflexo no mercado de trabalho, gerando elevação monetária, cujo fenômeno tem sua lógica delineada na teoria econômica do país (DIEESE, 2011, p.10).

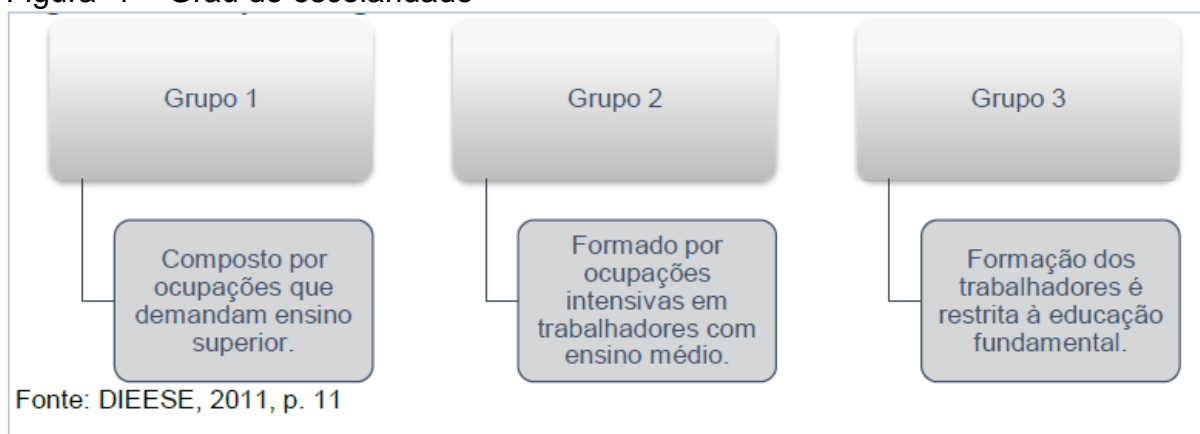
Para o DIEESE (2011, p.10) a falta de sincronismo entre qualificação demandada e ofertada no mercado de trabalho nacional, tem em seu histórico o desequilíbrio e desigualdades que orientam a disponibilidade e a absorção produtiva dos profissionais brasileiros. De modo que, o desenvolvimento centrado no trabalho, vem produzindo várias pesquisas nas relações entre a qualificação e mercado de trabalho.

As mudanças na educação e no mercado de trabalho, produzem inserções ocupacionais e de oferta de emprego nos vários âmbitos dos diferenciais de escolaridade. Segundo o DIEESE (2011, p.11) “o papel da qualificação nos movimentos recentes do mercado de trabalho e na evolução das condições que submetem os trabalhadores, tornam-se uma problema social e econômica”. A relevância da qualificação na incorporação de trabalhadores ao PEA e a absorção dessa população no universo dos ocupados, dimensões básicas do mercado de trabalho.

O aumento no nível de escolarização aparenta ser maior entre os profissionais ocupados, dos quais o mercado de trabalho vem promovendo a escolha pelos mais qualificados (DIEESE, 2011, p.11).

O DIEESE (2011, p.12) apresenta uma relação esquematizada sobre a evolução e a compreensão da demanda por trabalhadores qualificados. O estudo do DIEESE segmenta a ocupação em três grupos de acordo com o grau de escolaridade prevalecente em cada contingente pesquisado como segue na Figura 1:

Figura 1 – Grau de escolaridade



Ao dividir as ocupações grupos para estudo, o DIEESE pode observar as condições de cada um dos grupos e, criar ações que beneficiassem cada um, conforme a demanda.

Assim, a identificação da relação entre qualificação e inserção do jovem no mercado de trabalho, está insistentemente ligada pela vasta teoria econômica do país. Jovens que se qualificam podem ser impulsionados a condições pré-existentes que lhe garantam melhores colocações e retribuições profissionais (DIEESE, 2011, p.17).

Portanto, a decisão da qualificação é individual e as condições socioeconômicas favorecem tal decisão, mas não de modo a defini-la. Por fim, o DIEESE (2011, p.18) argumenta que um ano a mais de estudo aumenta o rendimento do trabalho em seis por cento (6%) e qualificação profissional amplia o rendimento monetário em proporções próximas a educação formal em torno de cinco por cento (5%), ainda, mostram que os ocupados que vivenciam essas experiências recebem mais do que os que não se qualificaram.

2.2 Trabalho e escolaridade

Com o crescimento impulsionado pela modernização, o Brasil, por sua vez, transitou nas transformações inerentes à urbanização e industrialização. De modo que, a história econômica teve seu impulso na industrialização deliberada pelo governo central (DIEESE, 2011, p.20).

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) apresentam um resultado que confirma uma maior vulnerabilidade no mercado de trabalho formal dos brasileiros que estudaram menos, ainda, quanto menor a escolaridade, maiores são as chances de ficar desempregado (DINIZ, 2017, p.1).

Segundo Diniz (2017, p.1) os trabalhadores com ensino médio e superior, tiveram melhores resultados, pois ocuparam 84,65 mil novas vagas, grupo minoritário no país. Estudos da Education at Glance (2016), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), somente quatorze por cento (14%) dos brasileiros entre vinte e quatro e sessenta e quatro anos de idade concluíram o ensino superior até 2015.

O estudo realizado mostra ainda que, os trabalhadores com ensino médio completo ou incompleto, correspondem a cinquenta e três por cento (53%) dos adultos de vinte e quatro a sessenta e quatro anos, foram atribuídas 43,1 mil vagas a esses profissionais, fechando com saldo positivo (DINIZ, 2017, p.1).

Os setores da agropecuária abriram 36 mil postos de trabalho para os brasileiros sem escolaridade, ou com ensino fundamental. Nos diversos setores da economia, os trabalhadores com ensino superior tiveram um resultado promissor, com 6,4 mil novos empregos formais. Já no comércio, foram abertas 1,4 mil vagas e, na administração pública 954 vagas. Os trabalhadores com ensino médio, o setor que mais favoreceu a abertura de novas vagas foi a agropecuária, com 9,9 mil vagas. O setor de serviços ofertou 5,7 mil postos e a indústria de transformação com 3,1 mil novas vagas, já na construção civil foram 1,4 mil novos postos de trabalho (DINIZ, 2017, p.1).

De acordo com o portal Educa Mais Brasil (2018, p.1) “o trabalhador com ensino superior completo recebe cinco vezes mais do que os profissionais com outros níveis de escolaridade”. Evidenciando que, quanto maior a escolaridade, melhores serão as oportunidades salariais.

O cenário atual do país mostra que existe um elevado número de desempregados e, a grande falta de oportunidade atinge de maneira desigual os diferentes grupos sociais.

Num estudo recente realizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), com base no rendimento mensal do trabalho principal de brasileiros com mais de quatorze anos. O estudo apresentou que, um trabalhador que concluiu a faculdade recebe, em média, quatro mil reais por mês, e um trabalhador com até um ano de estudo recebe, em média, oitocentos e cinquenta reais por mês. Apontando uma diferença entre os dois rendimentos de quatrocentos e setenta e um por cento (471%), mostrando que a qualificação é o caminho para uma carreira de sucesso e com melhores rendimentos (EDUCA MAIS BRASIL, 2018, p.1).

Segundo o portal, existe uma piora nas estatísticas, pois há uma quantidade de pessoas que, por falta de opção e até de oportunidades, vivem na informalidade.

É fato que os candidatos menos qualificados enfrentam um mercado de trabalho mais restrito.

Segundo amostra da PNAD abrangendo empregos formais e informais, o estudo revelou que, no primeiro trimestre de 2018, a ocupação para os trabalhadores sem instrução reduziu em dezenove por cento (19%) em comparação com o mesmo período de 2017. Ainda, entre os trabalhadores que concluíram o ensino médio, a ocupação cresceu dois por cento (2%) no período apurado e, para os profissionais com ensino superior, o avanço foi de cinco por cento (5%) (EDUCA MAIS BRASIL, 2018, p.1).

Uma realidade preocupante. No Brasil, no primeiro semestre de 2018, criou-se mais de 340 mil postos de trabalho formais, dados apresentados pelo CAGED, com base no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Ao passo que, houve uma perda dos postos de trabalho formais em todos os níveis de escolaridade abaixo do ensino médio, confirmando que, quanto menor a escolaridade, menores são as chances de uma recolocação no mercado de trabalho.

3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Neste capítulo, iremos relatar de que maneira foi realizada a pesquisa, considerando o cenário os sujeitos envolvidos na investigação e os instrumentos de coleta de dados.

O estudo se configura em uma abordagem qualitativa, os instrumentos de coleta de dados consistem em um questionário com três perguntas. Ele procurou abordar a opinião dos entrevistados em relação a dificuldade em se recolocar no mercado de trabalho.

A aplicação do questionário aconteceu online, através do *google docs*, de 05 a 08 de novembro de 2019, os respondentes foram escolhidos de forma aleatória. A pesquisa descritiva foi aplicada em uma amostra de 24 pessoas.

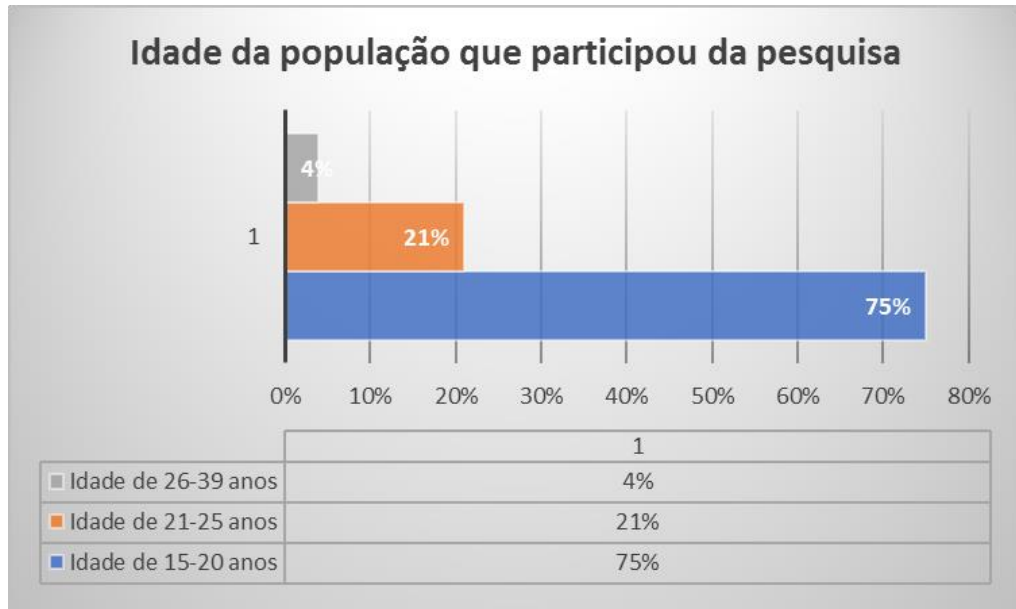
3.1 Análise dos resultados

Na elaboração da pesquisa houve a formulação de cinco questões importantes, como: idade; gênero; quais as dificuldades para colocação no mercado de trabalho; desempregado ou não (quanto tempo para conseguir um novo emprego, caso esteja trabalhando) e se trabalha na área de formação ou se procura emprego na área. Diante destas questões foram abordados uma população de vinte e quatro (24) pessoas, entre elas, profissionais, estudantes, trainee, entre outros.

Portanto, possibilitou-se estabelecer uma compreensão contemporânea das condições de recrutamento e seleção no mercado de trabalho atual e quais as dificuldades encontradas para aqueles que estão em busca de uma oportunidade de emprego. Para melhor entendimento da pesquisa foram elaborados (a seguir) gráficos apontando os resultados obtidos através da pesquisa realizada.

Inicia-se com a apresentação do Gráfico 5 abordando a idade da população pesquisada.

Gráfico 5 – Idade da população pesquisada



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

O Gráfico 5 mostra que setenta e cinco por cento (75%) dos entrevistados tem entre quinze a vinte anos de idade, vinte e um por cento (21%) tem idade entre vinte e um a vinte e cinco anos e, quatro por cento (4%) com idade de vinte e seis a trinta e nove anos. De modo que, a média etária dos participantes da pesquisa foi de jovens os quais estão iniciando no mercado de trabalho, ainda, os quais tem grande relevância neste estudo.

O Gráfico 6 apresenta o gênero da população que participou da pesquisa.

Gráfico 6 – Gênero dos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

A pesquisa realizada abordou um total de vinte quatro pessoas, e como mostra o Gráfico 6, sessenta e sete por cento (67%) foram pessoas do gênero feminino e, trinta e três por cento (33%) representou o gênero masculino. De modo que, o gênero feminino teve grande participação no resultado desta pesquisa, diante de seu ponto de vista seguindo as mesmas questões elaboradas para ambos os sexos.

Sendo assim, as questões foram elaboradas de forma aberta, para que o entrevistado (a) (pessoa) respondesse conforme sua interpretação e suas considerações. Assim, para tabulação das questões foram necessárias uma prévia comparação entre as respostas para entender melhor a forma para tabula-las e apresenta-las.

A partir do Gráfico 7 será realizado uma menção equiparada das respostas da população de pesquisa sobre a primeira pergunta do questionário.

Gráfico 7 – Quais as dificuldades que você encontra em se colocar no mercado de trabalho?



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

A questão apresentada no Gráfico 7 evidencia que cinquenta e oito por cento (58%) citaram a falta de oportunidade para conseguir o primeiro emprego, de forma que, tem sido um fator muito preponderante na conquista do primeiro emprego e, vinte por cento (20%) mencionaram a necessidade de formação técnica ou

acadêmica pois são exigidas numa entrevista de trabalho. A falta de vagas no mercado de trabalho foi referida por doze por cento (12%) da população pesquisada e dez por cento (10%) ainda não está no mercado de trabalho e nem procurando emprego.

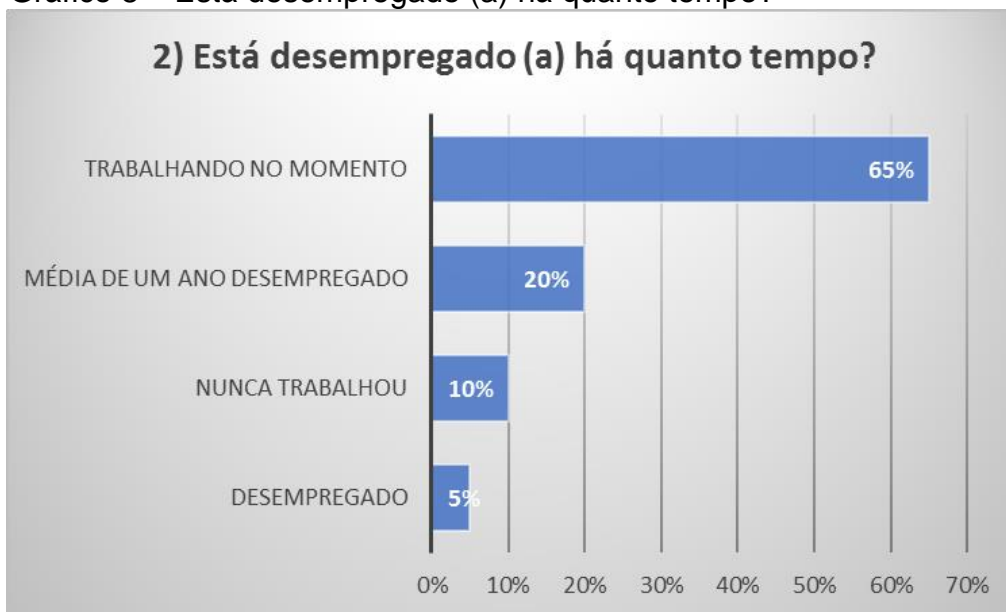
A falta de experiência profissional torna a busca de emprego mais complicada, visto que, muitas empresas desejam contratar profissionais que já tenham desenvolvido suas competências e habilidades anteriormente, o que, nunca será fácil para quem deseja iniciar no mercado de trabalho sem ter tido a oportunidade de aprender uma profissão, ou mesmo, saber quais habilidades e competências teria para colocar à disposição do seu empregador.

Conforme a opinião do entrevistado 15º “é necessário realizar cursos, ter ensino médio ou estar cursando algum curso de nível superior, para conseguir alguma oportunidade”.

O entrevistado 19º relata que “na minha opinião a grande dificuldade que muitos tem é em relação a qualificação”.

O Gráfico 8 aborda a questão que menciona se o entrevistado (a) está desempregado (a) e, há quanto tempo busca por uma oportunidade emprego.

Gráfico 8 – Está desempregado (a) há quanto tempo?



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

No Gráfico 8 aparece que sessenta e cinco por cento dos entrevistados (65%) mantem-se no trabalho atualmente, os que estiverem desempregados levaram em média um ano para se recolocarem no mercado de trabalho, dez por cento (10%) destes nunca trabalharam e cinco por cento (5%) encontram-se desempregados atualmente.

O Gráfico 9 apresenta a questão que aborda se o entrevistado (a) está procurando emprego na sua área.

Gráfico 9 – Está procurando emprego na sua área?



Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Os entrevistados ao serem abordados quanto a procura de emprego na área de formação ou desejada, foi mencionada por quarenta e oito por cento (48%) que já atuam em sua área de formação/graduação, já vinte e dois por cento (22%) diz que está trabalhando mais atua em área diferente a da formação. Dentro desta perspectiva de trabalho, quinze por cento mencionam não terem definido sua profissão, ou seja, sua área de atuação e, dez por cento dos entrevistados afirmaram não estar trabalhando e nem procurando emprego, quanto que cinco por cento (5%) trabalha em sua área de formação, mas está aberto a novas oportunidades de emprego.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado permitiu entender uma das problemáticas mais incisivas para os jovens, sua inserção no mercado de trabalho, os quais enfrentam situações inerentes a capacitação versus oportunidades.

Visando atingir ao objetivo geral proposto, realizou-se um estudo sobre o mercado de trabalho para os jovens, o qual apontou que qualificação técnica e profissional melhora as oportunidades para o mercado de trabalho, mas não garante uma vaga.

Vale ressaltar que, a baixa qualificação do trabalhador torna o mercado de trabalho muito mais desafiador para o jovem brasileiro. A economia brasileira passa por sérias restrições, as quais impossibilitam melhorar as estruturas das políticas públicas necessárias para o engajamento do jovem ao mercado de trabalho.

Tendo em vista políticas públicas, resta investir mais em programas de aprendizagem e estágio, os quais são estratégias importantes, mesmo o mercado de trabalho sendo restritivo a essas oportunidades. Estratégias direcionadas de forma exclusiva para os jovens que atendam aos requisitos propostos pelos programas, e ainda, podem ser uma porta de entrada de jovens estudantes ao mercado de trabalho formal, rumo a qualificação profissional. Esses programas possibilitam aos jovens muito mais oportunidades e garantia de experiência laboral.

Resumindo, essa vertente é preocupante para o futuro do país. Jovens que não se qualificam não podem esperar atingir o sucesso profissional, é preciso muita luta, muito conhecimento, para driblar a barreira da falta de emprego por conta da alta demanda de desempregados no país.

Quanto maior a qualificação, melhores serão as chances de uma carreira de sucesso, frente a um universo desafiador, seja ele o primeiro emprego, ou a escolha profissional de uma carreira que o jovem possa escolher e desenvolver.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A. VIRGINIO. P. **Mercado de trabalho:** uma velha questão e novos dados. Revista Psicol. Cienc. Prof. V.10, n.2-3-4, Brasília, 1990, p.10.

CAMP – Centro de Assistência e Motivação de Pessoas. **Pesquisa: O que os jovens esperam do mercado de trabalho.** Disponível em: <<https://campoeste.org.br/pesquisa-o-que-os-jovens-esperam-do-mercado-de-trabalho/>>. Acesso em: 14 abr.2019.

CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de pessoas. São Paulo: Elsevier, 2002.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Qualificação Profissional e Mercado de Trabalho:** Reflexões e ensaios metodológicos construídos a partir da Pesquisa de Emprego e Desemprego. São Paulo; DIEESE, 2011. Cap.1, p.23, 25-26.

DINIZ, Maiana. **Trabalhador com menor escolaridade tem mais dificuldade para conseguir emprego.** Agência Brasil. EBC. Artigo publicado em 13 jul.2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-07/trabalhador-com-menor-escolaridade-tem-mais-dificuldade-para-conseguir>>. Acesso em: 02 jun.2019.

EDUCA MAIS BRASIL. **Quanto maior a escolaridade, melhores são as oportunidades salariais.** Portal Educa Mais Brasil. Artigo publicado em 14 ago.2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2018/08/14/internas_educacao,980132/quanto-maior-a-escolaridade-melhores-sao-as-oportunidades-salariais.shtml>. Acesso em: 02 jun.2019.

GUIMARÃES, A, Q; ALMEIDA, Mariana Eugenio. **Os jovens e o mercado de trabalho: evolução e desafios da política de emprego no Brasil.** Fundação João Pinheiro – FJP. (Mestrado em Administração Pública) Belo Horizonte – MG, 2018. p.1-2, 18, 21.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População em idade de trabalhar (14 anos ou mais de idade).** Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/primeiros_resultados/analise02.shtm>. Acesso: 26 mai.2019.

IPEA – Instituto de Pesquisa Aplicada. **Jovens no mercado de trabalho foi tema do Panorama.** Disponível em: <
http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27209>. Acesso em: 14 abr.2019.

Mercado de trabalho: conjuntura e análise. Ministério do Trabalho. V.1. n.0. mar 2018. Brasília: Ipea. 2018, p.13-4. 30

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Técnica de Pesquisa**; 6ª Ed. 3º Reimpressão. São Paulo, Editora Atlas, 2009. Cap.1. p.6.

LAMEIRAS, M.; ANDREIA, PARENTE, et al. Mercado de trabalho: **Análise do mercado de trabalho**. IPEA - Instituto de Pesquisa Aplicada. Brasília. 2018, Cap. 1. p.13.

MATTOS, F. A MANSOR; **Avanços e dificuldades para o mercado de trabalho**. Artigo Rev. Estudos Avançados 29. 2015, Cap. 01, p.69. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v29n85/0103-4014-ea-29-85-00069.pdf>>. Acesso em: 23 mar.2019.

NOGALES, A.; MARIA . **Jovens no mercado de trabalho foi tema do Panorama**. Disponível em: <<https://bit.ly/2Uhqwoz>>. Acesso em: 14 abr.2019.

NOVAES, P. **Educação e trabalho**: o futuro dos recursos humanos. Brasília: MEC. 1970, Cap. 1, p.25.

OLIVEIRA, M.; MARLY.; **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2011.

OLIVEIRA, Marcelo. **O que os jovens esperam do mercado de trabalho?** Artigo do Centro de Assistência e Motivação de Pessoas. Disponível em: <<https://bit.ly/2GfrXil>>. Acesso em: 14 abr,2019.

SANTOS, A.; WILSON..; **O jovem e o mercado de trabalho no Brasil: Um estudo bibliométrico nos últimos dez anos**. Revista Interdisciplinar – Encontro das Ciências. V.1, nº 1, 2018, p.96-97.